

CARICATURA E SÁTIRA NA DESTERRO DO SÉCULO XIX: O PERIÓDICO CRÍTICO MATRACA

Fabiana Machado Didoné¹

A caricatura é uma representação gráfica ou plástica de uma pessoa, idéia ou acontecimento interpretada propositalmente de forma distorcida e exagerada, acentuando ou revelando aspectos específicos. Já a sátira, desenvolvida primeiramente na forma literária, se utiliza da caricatura para fazer julgamentos morais. A sátira social está concentrada em pessoas comuns e situações cotidianas, já a sátira política, ridiculariza figuras públicas e reage a eventos e polêmicas políticas da época em questão. Impiedosos ou amenos, cruéis ou generosos, os caricaturistas, com poucas linhas em uma folha em branco, são capazes de retratar toda uma época.

O aparecimento da caricatura no Brasil está vinculado ao surgimento e desenvolvimento da imprensa, na primeira metade do século XIX. A vinda da família real portuguesa para o Brasil em 1808 e a abertura dos portos propiciou o estabelecimento das primeiras oficinas gráficas no país, gerando a impressão de livros e periódicos ainda sem material ilustrativo. Com a instalação de oficinas tipográficas e litográficas, a imprensa teve um impulso e, conseqüentemente, houve a proliferação de publicações de jornais e periódicos, dentre eles, folhas satíricas e críticas. As primeiras folhas satíricas conhecidas a circular no Brasil foram O Escorpião, O Meteoro e O Pensador, sendo compostas apenas com textos humorísticos. As caricaturas, inicialmente, eram apresentadas em pranchas soltas com pouca qualidade, sendo sua divulgação feita de forma precária e suas restritas cópias chegavam a poucos privilegiados. Porém, com as inovações técnicas no campo da gravura em meados do século XIX, as caricaturas passaram a ser incorporadas aos periódicos, possibilitando ampliar sua tiragem, seu alcance e sua influência. A primeira caricatura que circulou no Brasil como estampa avulsa data de 1837 e retratava um funcionário do governo recendo propina referente ao Correio Oficial, sendo atribuída a Manoel de Araújo Porto Alegre. O periódico Lanterna Mágica que circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1844 e 1845 marca o início das publicações ilustradas com caricaturas impressas. Periódico destinado às letras, às artes

¹ Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Mestranda em Artes Visuais, na linha de Teoria e História da Arte, do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais – PPGAV/UDESC, bolsista CAPES.

plásticas, à crítica e à polemica, circulava semanalmente, tinha como diretor Manoel de Araújo Porto Alegre e como caricaturista Rafael Mendes de Carvalho. Dentre os periódicos que mais se destacaram no país, estão a *Semana Ilustrada*, desenhada e litografada por Henrique Fleuiss; *O Mosquito*, com desenhos de Candido de Faria e a *Revista Ilustrada*, editada por Angelo Agostini. A *Semana Ilustrada* circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1860 a 1876, publicando poesias, crônicas e contos de escritores e jornalistas da época, entre outros, Machado de Assis, Joaquim Manoel de Macedo e Bernardo Guimarães. Possuía um pequeno formato, sendo quatro páginas de texto e mais quatro páginas de ilustrações. Já *O Mosquito*, cujo subtítulo era *Jornal Caricato e Crítico*, dava grande ênfase a crítica política e circulou no período de 1869 a 1877. Porém, a *Revista Ilustrada* foi a que alcançou maior popularidade, com grande tiragem era distribuída nas principais províncias regularmente. Nesse periódico, que foi editado entre os anos 1876 e 1891, Agostini através das ilustrações e charges, teceu importantes comentários sobre a história política brasileira. Esses periódicos críticos e satíricos se propunham, através do humor, censurar, corrigir ou ironizar atitudes, idéias, valores e pessoas. Exerceram importante papel, tanto como meio de informação como objeto de questionamento e protesto.

“A caricatura tem sido, através da história, voz contundente e impiedosa que, mesmo sob as condições severas da censura, usando a linguagem metafórica, subversiva e velada da ironia, da sátira, do sarcasmo e do trocadilho, denuncia e reivindica os sofrimentos dos oprimidos. A caricatura é portanto, arma aguçada que o povo aplaude ao ver ridicularizadas nela a força, o despotismo, o autoritarismo, a intolerância, a injustiça.”
(FONSECA, 1999: 13)

Repetindo o fato que aconteceu nas principais cidades do país, na cidade de Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis), a partir da década de 1850, proliferou a edição e circulação de jornais e periódicos. Eram editados na cidade, naquela época, treze jornais escritos por pessoas oriundas de outros centros ou que lá estudaram, sendo os principais enfoques a polêmica política e o processo civilizador. Esses jornais estavam ligados aos partidos políticos da época, vivendo a sombra deles e dos embates e polêmicas gerados pela política local. Os artigos e crônicas jornalísticas focavam a sociabilidade e a vida familiar e funcionavam como forma de propagar princípios racionais e normas de comportamento, que, aos poucos, eram interiorizados pela sociedade local. Os jornais e periódicos eram os principais meios de informação, exercendo importante papel na formação sócio-cultural do povo.

“Eminentemente políticos, eram também noticiosos, comerciais e literários: propagavam o ideal iluminista de liberdade de expressão e de amor ao progresso. Viam-se como um dos principais instrumentos de ligação entre o mundo ilustrado da civilização e o mundo rude da fronteira, da qual eram a mais viva voz. (SIEBERT, 2001: 235)

O periódico crítico *Matraca* circulou na cidade Desterro entre os anos de 1881 a 1888, registrando, com humor e crítica, acontecimentos políticos, sociais e culturais, como também as peculiaridades da vida da cidade. Nos três primeiros anos, era editado no formato 24x18cm, com quatro páginas contendo apenas textos, sem ilustrações. Era publicado todas as quintas e domingos, trazendo sempre num tom crítico e debochado notícias sobre a cidade, além de poesias, trechos de contos, piadas e anúncios. A partir do ano de 1884, com periodicidade semanal, ampliou seu formato para 30x25cm e passou a incluir ilustrações. Na sua formatação padrão, uma ilustração ocupava toda primeira página, sendo o tema uma crítica bem humorada sobre um acontecimento político (na maioria das vezes), social ou cultural do momento. As páginas centrais (páginas dois e três) eram divididas em seções apenas com textos, iniciando com “Expediente” informando o valor das assinaturas, seguindo com a seção “A *Matraca*” com um texto do editor do periódico, Alexandre Margarida, depois com a seção “Factos e Boatos” com pequenas notícias sobre a cidade e seus habitantes. As outras seções se alternavam em cada edição, eram elas, “Secção Crítica”, “Secção Livre”, “Secção Amigável”, “Secção Poética” e “A pedidos”. A última página era ocupada novamente uma ilustração sobre algum tema recorrente da época.

Na edição completa do Periódico Crítico *Matraca* de 26 de Abril de 1885, número 24, ano V, a ilustração da primeira página é uma sátira ao descaso dos políticos representados em duas figuras brincando de gangorra e, sentada no chão, outra figura representa a província de Santa Catarina, cansada e sofredora. O outro personagem que aparece em pé, à esquerda, é o mesmo usado no logotipo do periódico, representando a imprensa crítica. A ilustração é reforçada com uma legenda que diz, “Faca peso lá Dr. Qual pezo, aguento-se para ahí. Mas desta maneira eu vou redondamente no chão. Pois se cair será por sua causa. Enquanto brincão, a Província soffre”. Nas páginas centrais, a seção “A *Matraca*” traz um texto que aborda com indignação a política praticada na época, texto ainda atual nos dias de hoje; na seção seguinte “Factos e Boatos” apresentam sete pequenas notícias sobre a cidade e seus moradores; na “Secção Crítica” publica um texto que faz uma crítica

ao Dr. Paranaguá e a outros políticos da época, quem assina o texto é Van-del-Force; na seção “A Pedidos” publica uma poesia chamada Moleque; termina a terceira página com um anúncio de aluguel de chácara e anúncio da própria tipografia.

“Temos combatido o mais possível a politica, em seu principio escura como o interior dos túmulos e fúnebre como mortalha em seu final e q’entre nos impera. Se todavia essa politica fosse usada como equilibrante, do estado e da província, no seu progredimento, teria um atenuante que muito lhe serviria; mas se ao contrario eh pervertida, a que caminho levava ella, este nosso bello pedaço de terra, e quaes as ideias, que despertara na mocidade, de hoje, quando chegar ao gozo dos seus direitos sociaes?” (Trecho da seção “A Matraca”, extraído do Periódico Critico Matraca, numero 24, ano V, de 26/04/1885)

O Periódico Crítico Matraca era editado pela *Officina de Lithographia e Typhographia* de Alexandre Francisco das Oliveiras Margarida, estabelecida em Desterro no ano de 1870. Alexandre Margarida (1838-1916) editava em sua tipografia jornais, periódicos, semanários, partituras musicais dentre outros documentos. Grande parte de suas publicações estavam envolvidas com causas sociais e políticas, como o semanário Artista em 1882, que propagava idéias republicanas e o jornal Regeneração, que na década de 1870, participava ativamente a favor da abolição. Foi um dos fundadores do Liceu de Artes e Ofícios em 1883, onde também atuou como professor de desenho, litografia, tipografia e encadernação. Seu filho, Joaquim Antônio das Oliveiras Margarida (1865-1955) era o ilustrador e caricaturista do Periódico Crítico Matraca. Assim como o pai, foi nomeado professor do Liceu de Artes e Ofícios para desenho, caligrafia e geometria. Retratava pessoas influentes da cidade e em 1892, ilustrou outro periódico, o Distração. Segundo Pisani apud Correa (2005), os irmãos Margarida (Manoel e Alexandre), que faziam desenho de humor e tinham uma escola de desenho, juntamente com o pintor Sebastião Fernandes movimentaram a pacata Desterro, criando um pequeno núcleo de artistas plásticos.

A partir do século XIX, os esforços com a caricatura se tornaram mais constantes, era prática comum entre artistas do Brasil e do exterior se valer da caricatura e da sátira como instrumentos para representar, com ironia, humor e crítica pessoas e acontecimentos da sua época. Quando artistas reconhecidos pela Academia desenhavam propositalmente faces exageradas e corpos deformados, não estavam caracterizando falta de domínio técnico ou descuido, mas sim desafiando padrões estabelecidos de harmonia, beleza e proporção. Diversos artistas consagrados, em algum momento

de sua carreira, fizeram caricatura, dentre eles Leonardo da Vinci, Toulouse-Lautrec, Delacroix e Claude Monet. Este último, durante sua juventude na cidade de Le Harvre, na França, desenhava caricaturas que representavam figuras notórias da cidade com cabeças grandes e corpos pequenos. Independente do contexto histórico ou da intenção, artistas tem tradicionalmente voltado a repertórios de composição padrão e fórmulas visuais para ajudá-los a compor os elementos caricaturais nas ilustrações de humor. Dentre esses repertórios, vale destacar o exagero e distorção de rostos e corpos e a representação de pessoas como animais e objetos. Esses repertórios podem ser observados em caricaturas anteriores ao século XIX, estendendo-se até os dias atuais.

A distorção de elementos físicos, como desproporção entre cabeça e tronco, membros alongados ou curtos demais, saliência e exagero de características faciais, entre outros, formam o repertório mais utilizado para compor uma caricatura. Leonardo Da Vinci, no século XV, realizou vários desenhos de pequeno formato de cabeças grotescas, provavelmente como estudos de fisionomias, mas que pode ser considerado um dos precedentes da caricatura. De acordo com Vasari (apud McPhee, 2011), Leonardo era fascinado por pessoas com faces bizarras e frequentemente as seguia para memorizar suas características e depois desenhá-las, copiando integralmente ou mesmo exagerando alguns aspectos. Essas faces bizarras ou cabeças grotescas são elementos constantes, aparecem tanto nas gravuras do artista Wenceslaus Hollar no século XVII, o qual pesquisava os estudos de Leonardo Da Vinci, como nos desenhos caricatos de artistas do século XIX. Na caricatura de Joaquim Margarida (figura 01), extraída do Periódico Matraca, número 52, ano 5 de 1885 e na litografia do artista francês Louis-Leopold Boilly, de 1823 da Coleção *Les Grimaces* (figura 02). As deformidades e desproporções no desenho da figura humana também são recorrentes nos desenhos caricatos durante vários séculos, se apresentando das mais diversas formas. Um exemplo do século XVIII, é o desenho a carvão do artista francês Francois-Andre Vincent, que durante sua estada na Academia francesa, realizou inúmeras caricaturas de artistas e amigos. Na obra “*Caricature of the painter Pierre-Charles Jomber*” (figura 03), ele reduziu o tamanho da cabeça e ampliou o tamanho das mãos do pintor. No Periódico Matraca, encontram-se diversas figuras com deformidades e exageros físicos, como a ilustração do homem com nariz extremamente alongado (figura 04) retirada da edição de número 47, ano 5. O artista britânico Roland Searle, que em meados do século XX produziu caricaturas para diversos jornais e revistas da Inglaterra e Estados Unidos. Na

serie *Heroes of Our Time*, desenha caricaturas de personalidades ilustres do seu tempo, se valendo da desproporção e do exagero de aspectos físicos.

Outro repertório muito utilizado nas caricaturas são as criaturas híbridas compostas de pessoas-animais e pessoas-objetos. O artista francês François Desprez, no século XVI criou um pequeno livro com 120 ilustrações de figuras híbridas de pessoas-animais com o título “*Les songes drolatiques de Pantagruel*”. Henry Louis Stephens, artista americano realizou uma série de litografias chamada “*The Comic Natural History of the Human Race*” na década de 1850, onde explora figuras com cabeça humana em corpo de animal, entre eles pássaros, insetos e peixes. No Periódico Matraca, encontram-se diversas ilustrações feitas por Joaquim Margarida em que ele utiliza este repertório. Na litografia publicada no periódico de número 7, ano 8 (figura 05), o artista desenha criaturas com corpo humano e cabeça de animal. Os híbridos homem-objeto também vem de uma longa tradição nos desenhos de humor. Pieter Van der Heyden, em 1570 realizou a incrível gravura “*The Battle about Money*” onde híbridos de homens e objetos, como cofres, sacos de dinheiro, barris de moedas e caixas-fortes travam uma violenta batalha entre si. O artista francês Clement Pruche na litografia “*Fameux Jury de Peinture. Salon de 1841*” (figura 06) representa estranhas figuras com corpos humanos e cabeças dos mais variados tipos de objetos como, jarros, ossos, potes e verduras. Esta gravura faz uma crítica ao júri do Salão de 1841 e foi publicado no jornal satírico *Le Charivari*. Já no século XX, Ronald Searle, realiza um desenho de um homem degustando uma taça de vinho, porém sua cabeça é de madeira e seu bigode de vegetal, o título da obra é “*A discernible touch of oak*”. A partir do momento que as caricaturas começaram a ser produzidas como múltiplos e passaram a circular com mais facilidade e abrangência, os repertórios clássicos e padrões visuais puderam facilmente passar de um artista a outro e influenciar gerações futuras.

Nas sátiras, social e política, encontram-se elementos textuais compostos com as ilustrações. Citações e trocadilhos são colocados como títulos e versos são comumente usados para fortalecer e evidenciar a imagem. Algumas ilustrações são acompanhadas de textos explicativos que reforcem sua interpretação e entendimento. Em algumas situações, conexões com fontes literárias são utilizadas, explorando conhecidas passagens da Bíblia, de Shakespeare, ou de outros escritores. Ridicularizando uma ampla gama de ações e comportamentos humanos, a sátira social geralmente

apresenta indivíduos comuns e deriva seu humor de situações cotidianas. O julgamento moral sustenta a maior parte dos temas das sátiras sociais, que podem ser lidas como sermões humorísticos. Demonstrações de luxúria, gula, voracidade, ganância, preguiça e soberba ocorrem frequentemente em desenhos e impressões satíricas. Alguns dos temas mais populares nas sátiras sociais são: os jogos de cartas, onde se apresentam as cenas de mesa de jogos com as disputas, as trapaças, as brigas, os vencedores e os perdedores; a moda, com destaque para os padrões de cada época, ridicularizando as perucas, os trajes e todos os excessos desse setor; os hábitos de comer e beber, com cenas bizarras de refeições; as multidões nas apresentações de teatro; e por último, o mundo da arte, retratando estúdios de artistas, obras, exposições e salões de arte. O artista francês Honoré-Victorin Daumier criou uma série de sátiras tematizando os Salões de arte da época, no século XIX. Caricaturou os visitantes, o júri e os artistas participantes dos salões, tanto a alegria dos que haviam sido aceitos como a decepção dos rejeitados. Em uma das litografias da série *L'Exposition de 1859*, publicada no periódico satírico francês *Le Charivari*, representa a indignação do artista François Bonwin que teve uma obra rejeitada naquela exposição (figura 07). No Brasil, Angelo Agostini publicava na Revista Ilustrada, no século XIX, caricaturas e comentários irônicos sobre os salões de arte e sobre alguns artistas, sendo Victor Meirelles um de seus favoritos. A ilustração publicada na Revista Ilustrada de 25/04/1879 (figura 08) é oferecida ao pintor Victor Meirelles e representa duas telas do pintor, onde personagens saem de uma tela e entram em outra.

A sátira política tem como finalidade atingir personalidades e eventos públicos. Os elementos da sátira política incluem o uso de alegorias, distorções faciais e físicas, bem como formas de animais e de objetos para transmitir uma gama de mensagens críticas e humorísticas. Na França, as sátiras e caricaturas impressas de cunho político floresceram na década de 1830 durante os primeiros anos de reinado do Rei Louis Philippe. Os mais importantes editores da época foram Aaron Martinet e Charles Philipon, este último em 1830, funda o semanário político de idéias republicanas *La Caricature*, contendo diversas gravuras de cunho político, de Daumier, de Grandville e dele próprio. O periódico alcançou grande sucesso e as caricaturas de Philipon fazendo duras críticas ao rei Louis-Philippe e seu autoritarismo e transformando o rei em uma pera geraram punições severas ao artista, inclusive no fechamento da revista. Nos Estados Unidos, Thomas Nast foi quem estruturou e formalizou a caricatura política na imprensa. Nas décadas de 1860 e 70, publicou charges e sátiras na revista *Harper's Weekly* que ficaram conhecidas em todo país. No Brasil, em meados do século XIX, a crítica política encontrou campo extremamente fecundo nas revistas

ilustradas. A caricatura e sátira política podiam ser apreciadas em diversos periódicos ilustrados como o jornal caricato e crítico *O Mosquito* que circulou no país de 1869 a 1877 com desenhos de Candido de Faria e *O Mequetrefe* que começou a circular em 1875 sob a direção de Lins de Albuquerque. Em Desterro, as ilustrações do periódico crítico *Matraca* eram, na sua maioria, sátiras políticas. Os assuntos mais comentados eram as disputas entre os partidos, as autoridades políticas, as eleições, o descaso, a corrupção, as polêmicas, as brigas e discussões. Na capa do periódico número 41, ano V (figura 09) a sátira política recai sobre partido conservador, no texto que aparece abaixo da ilustração está escrito “A velha política conservador abrindo o cofre das graças, sahio um demônio que se achava retido”. Na edição de número 44, ano V (figura 10), o político José do Rego Raposo segura a bandeira “Partido da Ordem” e no pequeno texto na parte inferior à direita se lê “A imprensa conservadora esmagando a Hydra liberal”. Na edição de número 50, ano V, as autoridades políticas são representadas em criaturas híbridas com corpo de ave e cabeça de homem. O título da sátira é “Os dois chefes políticos” e nos cartazes pendurados na parede, o da esquerda diz “Atenção: Amanhã às 10 horas grande briga no rinheideiro municipal” e no da direita “Só terão ingresso os que apresentarem o devido cartão”. As sátiras políticas presentes nos periódicos do século XX continuam evidentes até os dias atuais.

O humor e a caricatura, mesmo quando apresentados de forma sutil, são uma poderosa arma de protesto, contestação e subversão. A caricatura e a sátira não só exprimem o ponto de vista de seu autor, mas também refletem a opinião pública, tornando-se uma importante e temida forma de expressão. Para Fonseca (1999), as caricaturas e as sátiras ocupam espaço privilegiado em jornais e revistas de todo mundo por serem comentários sociais velados pela ironia e pelo sarcasmo, mostrando com simples figuras o que não poderia ser dito com mil palavras.

“Não se pode negar a importância do desenho humorístico na imprensa, seja como documento histórico, como fonte de informação social e política, como termômetro de opinião, como fenômeno estético, como expressão artística literária ou como simples forma de diversão e passatempo.” (FONSECA, 1999: 13)

A caricatura e a sátira, uma combinação de arte, crítica e humor, fornecem um rico e pouco explorado material que possibilita conhecer e compreender as relações sociais, culturais e políticas de uma sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORREA, Carlos Humberto P. **História de Florianópolis – Ilustrada**. Florianópolis: Insular, 2005
- FONSECA, Joaquim da. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Artes e Ofícios Editora Ltda.: Porto Alegre, 1999
- MELO, Osvaldo Ferreira de Melo (coordenador). **História Socio-Cultural de Florianópolis**. Florianópolis: Clube Doze de Agosto: IHGSC: Lunardelli, 1991
- McPHEE, Constance et ORENSTEIN, Nadine (org.). **Infinite Jest: caricature and satire from Leonardo to Levine**. The Metropolitan Museum of Art: New York, 2011
- SIEBERT, Itamar. Crítica jornalística, sociabilidade e vida familiar na Desterro de meados do século XIX. In: BRANCHER, Ana e AREND, Silvia Mara Favero (org.). **História de Santa Catarina no século XIX**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2001
- SILVA, Rosane Cordeiro da. **A poesia como arma política: o satírico na Desterro do século XIX**. Dissertação de Mestrado em Letras, UFSC. Florianópolis, 1995

IMAGENS



Fig. 01: MARGARIDA, Joaquim, 1885. Litografia publicada no Periódico Crítico Matraca, ano 5, no. 52. Biblioteca Publica do Estado de Santa Catarina

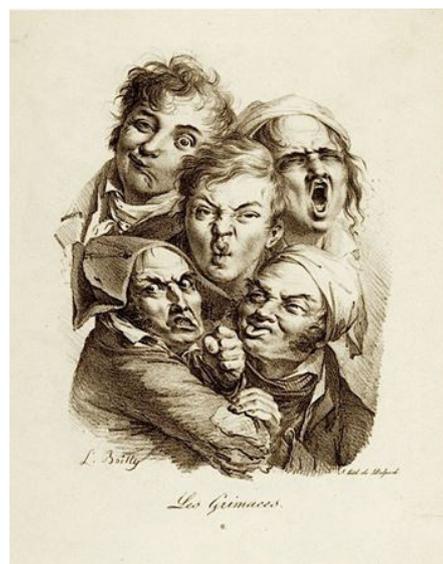


Fig. 02: BOILLY, Louis-Leopold. *Les Grimaces*, 1823. Litografia-33x25cm The Elisha Whittelsey Collection, New York



Fig. 03: VINCENT, Francois-Andre. *Caricature of the painter Pierre-Charles Jombert*, ca. 1773-75 - Desenho a carvão – 106 x 42cm. The Metropolitan Museum of Art, New York



Fig. 04: MARGARIDA, Joaquim, 1885. Litografia publicada no Periódico Crítico Matraca, ano 5, no. 47. Biblioteca Publica do Estado de Santa Catarina



Fig. 05: MARGARIDA, Joaquim, 1888 Litografia publicada no Periódico Crítico Matraca, ano 7, no. 08. Biblioteca Publica do Estado de Santa Catarina



Fig. 06: PRUCHE, Clement. *Fameux jury de peinture. Salon de 1841*, 1841 Publicado no jornal satírico *Le Charivari*. Litografia – 30 x 36cm The Metropolitan Museum of Art, New York



Fig. 07: DAUMIER, Honore-Victorin. *Ils m'on refuse ça... les ignares!!*, 1859. Litografia da serie *L'Exposition de 1859*, publicada no jornal *Le Charivari* – 26 x 36cm The Metropolitan Museum of Art, New York.



Fig. 08: AGOSTINI, Angelo. Oferecido ao eminente pintor Victor Meirelles, 1879. Publicado na Revista *Ilustrada* de 25/04/1879.



Fig. 09: MARGARIDA, Joaquim, 1885. *Periódico Crítico Matraca* (capa), ano 5, número 41. Biblioteca Publica do Estado de Santa Catarina



Fig. 10: MARGARIDA, Joaquim, 1885. *Periódico Crítico Matraca* (capa), ano 5, número 44. Biblioteca Publica do Estado de Santa Catarina